

## O ensino de S. Tomás na Universidade de Coimbra

Em fins do séc. xv e princípios do séc. xvi assistiu-se a um extraordinário desenvolvimento das ciências teológicas nos principais centros europeus de cultura, para o que contribuíram alguns factores importantes, como sejam a invenção da imprensa, o movimento renascentista e a polémica anti-protestante.

Esse grande florescimento verificado em todos os sectores da Teologia partiu essencialmente de Salamanca e de Alcalá, a que depois se vieram a juntar Coimbra e Évora. No que toca à Península, convém referir que houve várias circunstâncias que favoreceram o enorme surto das ciências sagradas, merecendo ser apontadas, entre outras, as seguintes: nela o Nominalismo nunca conseguiu ganhar raízes fortes como acontecera lá fora e, o que verdadeiramente deu um impulso decisivo, o Humanismo não veio a sofrer oposições frontais como sucedera nos outros países europeus. Basta recordar, a título de exemplo, que o célebre humanista Juan Luis Vives escreveu um comentário à obra *De Civitate Dei* de S. Agostinho, e no livro *De Disciplinis* deixou inserta uma preciosa pedagogia na linha do espírito do Humanismo cristão. Também merece ser lembrada aqui a notável actividade de reforma eclesiástica levada a efeito em Espanha pelo Card. Francisco Ximénez, fundador da Universidade de Alcalá (1500) e principal impulsionador da composição da Poliglota Complutense (1520).

A este propósito, escreve Martin Grabmann: «Die spanische Theologie des 16. Jahrhunderts, die aus dem Bunde der Scholastik mit dem christlichen Humanismus hervorgegangen ist, kann als

das Wiederaufleben und als die Fortsetzung der Blütezeit der mittelalterlichen Scholastik betrachtet werden, zumal sie sich auf die Erklärung der «Summa Theologica» des hl. Thomas in einer den kirchlichen und theologischen Zeitbedürfnissen angepassten Form konzentriert hat»<sup>1</sup>.

Alguns teólogos espanhóis que tomaram parte no Concílio de Trento, como Pedro de Soto, Domingo de Soto e Andrés de Vega, e outros que exerceram a docência nalguns países da Europa, como Maldonado em Paris, Toledo na Itália e Gregório de Valência na Alemanha, e cuja influência chegou até Portugal, evidenciaram-se entre os maiores fomentadores das ciências teológicas daquele período.

Mas não se pode esquecer que não foi só em Espanha que se assistiu por esse tempo a um interesse muito acentuado pelos estudos relacionados com a Teologia. Convém recordar igualmente as Universidades de Lovaina e de Colónia, que se haviam de evidenciar como centros notáveis de investigação e de ensino da Teologia, especialmente no respeitante ao tomismo e à polémica anti-protetante; a *Condemnatio doctrinalis librorum Lutheri*, de 7 de Novembro de 1519, é um exemplo típico e importante da luta contra as novas ideias reformistas, e em Colónia havia de revelar-se depois bem vivo o conflito teológico à volta do Jansenismo.

Dignas de menção são igualmente as Universidades de Douai e de Paris, onde por essa altura brilharam espíritos notáveis de teólogos insígnies, como Estius, Sylvius e Stapleton, três grandes tomistas de invulgar craveira intelectual; e a de Paris, que no período anterior fora profundamente afectada pelo Nominalismo e agora abria as suas portas ao sopro renovador do pensamento humanista.

Dentro desta panorâmica de incomparável incremento dos estudos teológicos não se pode deixar de aludir ao papel desempenhado pelas Ordens Religiosas, entre as quais se destacaram as dos Dominicanos, dos Franciscanos, dos Carmelitas Descalços e dos Jesuítas. Acerca destes últimos, lê-se no já citado Martin Grabmann: «Ein ganz überragender Anteil an dieser Renaissance der scholastischen Theologie fällt dem neuentstandenen Orden der Gesellschaft Jesu zu, welcher nach den Grundsätzen seiner tiefdurchdachten «Ratio

---

<sup>1</sup> M. GRABMANN, *Die Geschichte der katholischen Theologie*, 2.ª ed., Darmstadt, 1961, p. 145.

studiorum» auf allen Gebieten der Theologie, namentlich aber in der exegetischen und historischen Theologie, ganz Grosses leistete und die spekulative Theologie des Mittelalters in freier ekletischer Weise und in einer den Fortschritten der Zeit entsprechenden Form auszubilden suchte»<sup>2</sup>. Mesmo entre os Franciscanos que ordinariamente se declaravam adeptos do Escotismo houve autores que se voltaram para S. Tomás ou S. Boaventura.

Mas não há dúvida que foram os Dominicanos, como aliás era de esperar, os grandes impulsionadores do tomismo nesta fase da história da Teologia. Além de Francisco de Vitória, destacaram-se Bañez e Medina, ambos discípulos de Domingo de Soto e de Melchior Cano. À sua volta surgiram outros comentadores ilustres da *Summa* de S. Tomás, os quais escreveram tratados de muito mérito que ainda hoje causam viva impressão em quem os lê. Mas independentemente deles, foi igualmente brilhante o número de teólogos que se dedicaram devotadamente à investigação teológica. E, entre eles, sobressai o nosso Fr. João de S. Tomás «als klassische besonders auch als sehr positive Bearbeiter der ganzen thomistischen Lehre», autor dum *Cursus philosophicus* e dum *Cursus theologicus*, «welche zu den tiefsten und abgeklärtesten Darstellungen der Philosophie und Theologie des hl. Thomas zählen», como o define Grabmann<sup>3</sup>.

A maior parte dos teólogos jesuítas fez neste período os seus estudos na Universidade de Salamanca, como foi o caso do Card. Francisco de Toledo, discípulo de Domingo de Soto e exegeta de grande envergadura, que depois levou o método salmanticense para o Colégio Romano.

Gregório de Valência, Francisco Suárez, Gabriel Vásquez e Dídaco Ruiz de Montoya, todos espanhóis, podem considerar-se os mais lídimos representantes da Escola de Salamanca, «wie mit Scharfsinn und Tiefe, so auch mit exegetisch-patristischer Erudition in eminenter Weise ausgerüstet und in dieser Beziehung den meisten Scholastikern der übrigen Schulen weit überlegen», diz Grabmann. Suárez, o «doctor eximius», acerca do qual Bossuet escreveu: «dans lequel on entend toute l'école moderne», «ist der fruchtbarste aller neueren Scholastiker, zugleich ausgezeichnet durch Klarheit, Besonnenheit, Tiefe und Umsicht»<sup>4</sup>. O seu magistério na cátedra

---

<sup>2</sup> *Id.*, p. 146.

<sup>3</sup> *Id.*, pp. 162-63.

<sup>4</sup> *Id.*, p. 169.

de «Prima» de Teologia na Universidade de Coimbra (1597-1616) revelou-se altamente frutuoso e insigne, e a obra que escreveu possuidora de grande profundidade e erudição<sup>5</sup>. A essa galeria de teólogos de extraordinário valor, junta-se o português Cristóvão Gil (1554-1608) que na Universidade de Coimbra foi substituído de Fr. Egídio da Apresentação na cadeira de «Véspera» e de Francisco Suárez na de «Prima»<sup>6</sup>; e Luís de Molina discípulo de Pedro da Fonseca, «der sich durch einen klassischen Kommentar zur aristotelischen Methaphysik den Namen des «portugiesischen Aristoteles» verdient hat», o qual viria a formular a «scientia media». A sua docência nas cadeiras de «Véspera» e de «Prima» de Teologia na Universidade de Évora durou de 1572 a 1583, sempre caracterizada pelo fulgor da sua inteligência e pela riqueza da sua vasta cultura<sup>7</sup>.

Na Itália, na Alemanha, na França e na Bélgica foi igualmente notável a pléiade de teólogos aparecidos nessa época, embora em número mais reduzido que em Espanha, os quais escreveram trabalhos de muito merecimento, em que se nota à evidência a influência de S. Tomás.

A grande novidade deste incomparável período da história da Teologia foi a substituição das *Sentenças* de Pedro Lombardo pela *Summa* de S. Tomás. Demos de novo a palavra a Grabmann: «Die Verbindung mit der theologischen Entwicklung des Mittelalters wurde besonders dadurch unterhalten, dass an die Stelle der Sentenzen des Lombarden fortan die reifste Frucht der Theologie des 13. Jahrhunderts, die «Summa theologiae» des hl. Thomas von Aquin, als Text zu Grunde gelegt wurde, nachdem sie auf dem Konzil von Trient neben der Heiligen Schrift und dem «Corpus iuris canonici» als bewährtester Ausdruck des theologischen Bewusstseins der Kirche gedient hatte»<sup>8</sup>.

O principal foco de irradiação do tomismo era, sem qualquer sombra de dúvida, a Escola do Convento Dominicano de Santo Estêvão de Salamanca, onde Francisco de Vitória veio a introduzir

<sup>5</sup> Sobre Francisco Suárez, cfr. A. G. RIBEIRO DE VASCONCELOS, *Francisco Suarez*, Coimbra, 1897; PROF. MÁRIO BRANDÃO, *A Livraria do P. Francisco Suárez*, in *Estudos Vários*, vol. I, Coimbra, 1972, pp. 45-122; e abundante bibliografia in *Lexicon für Theologie und Kirche*, t. 9, cols. 1129-32 (artigo de E. ELORDUY).

<sup>6</sup> Cfr. sobre Cristóvão Gil a bibliografia indicada por ROQUE CABRAL in *Enc. Verbo*, t. 9, cols. 507-08.

<sup>7</sup> Cfr. sobre Molina e o Molinismo *Lexicon für Theologie und Kirche*, t. 7, cols. 526-530 (artigos de F. STEGMÜLLER) com bibliografia selecta.

<sup>8</sup> M. GRABMANN, *op. cit.*, p. 146.

a *Summa* como livro de ensino e de texto; ao mesmo tempo, na Itália, o Card. Caetano escrevia óptimos comentários àquela obra de S. Tomás, o mesmo fazendo na Alemanha Konrad Koellin. Notável foi também a publicação de estudos por teólogos da Companhia de Jesus, alguns dos quais haviam feito a sua preparação científica em Salamanca. Duma maneira geral, essas obras caracterizavam-se por uma profunda erudição exegético-patristica e por uma genial assimilação da doutrina tomista.

Francisco de Vitória, que exerceu funções docentes em Santo Estêvão a partir de 1526, deixou uma vasta produção literária de índole teológica que depois viria a desempenhar um papel muito importante na divulgação do tomismo pela influência que teve noutros autores. Mas, além dos trabalhos impressos, convém igualmente recordar a parte manuscrita deixada pelo insigne Mestre. A este respeito, diz Grabmann: «Das grösstenteils noch ungedruckte Schrifttum des Franz von Vitoria verbindet theologische Tiefe u. humanistische Eleganz u. bekundet ein hohes Mass von Kenntnis der positiven Quellen der Theologie: Heilige Schrift, Konzilien und Väter»<sup>9</sup>.

Entre os numerosos discípulos que a seguir continuariam o labor do ilustre teólogo salmanticense, justamente denominado o «pai da Escolástica espanhola», contam-se Domingo e Pedro de Soto, Melchior Cano, o último autor dos célebres *Loci theologici*, escritos sob a influência do célebre humanista Rudolfo Agrícola; e ainda Bartolomeu Carranza, Mancio de Corpore Christi, Pedro de Sotomaior, o agostinho Luís Ponce de León e Martinho de Ledesma, que viria a leccionar na Universidade de Coimbra.

Na Itália o nome do Card. Caetano dominou indiscutivelmente o ambiente teológico daquele tempo. Os seus comentários a Aristóteles e à Sagrada Escritura marcaram profundamente o séc. XVI. Mas a sua obra fundamental é, sem dúvida alguma, o comentário que escreveu à *Summa* de S. Tomás e que depois veio a ser anexado à *Editio Leonina* de Leão XIII, por expresso desejo deste Pontífice. Também Crisóstomo Javellus e Francisco de Sylvestris de Ferrara se evidenciaram como teólogos insignes na Itália.

No período que decorreu entre o Concílio de Trento e 1660 assistiu-se a uma autêntica explosão de obras de carácter exegético,

---

<sup>9</sup> *Id.*, pp. 151-52.

polémico e dogmático, como nunca se verificara antes nem se viria a verificar depois. Martin Grabmann caracteriza do seguinte modo aquela fase da história da Teologia: «Sofort nach dem Schlusse des Konzils von Trient, welches durch die auf ihm gepflogenen Verhandlungen nicht minder als durch seine Dekrete den Anlass dazu gab, beginnt die eigentliche Blütezeit dieser Periode, welche an Reichtum und Mannigfaltigkeit der Leistungen in der Kirchengeschichte wohl nicht ihresgleichen hat. Dem Inhalte und der Form nach lassen sich die eigentlich theologischen Arbeiten in fünf Hauptklassen zerlegen: in exegetische, polemische, scholastische, mystische und historisch-patristische, so jedoch, dass diese Klassen wechselseitig vielfach ineinander übergreifen. Denn darin gerade besteht die Grösse der Zeit, dass alle Seiten der Theologie in innigster Gemeinschaft und Wechselwirkung gepflegt wurden: die Exegese ist keine bloss philologisch-kritische, sondern verwertet zugleich die Errungenschaften der Scholastik und Patristik zum tieferen Verständnis und zur volleren Begründung der katholischen Lehre; die grossen Kontroversisten besaßen eben in der Verbindung scholastischer Durchbildung und gründlicher exegetisch-historischer Kenntnisse ihre Stärke; die besseren scholastischen Theologen pflegten nicht einseitig die Spekulation, sondern knüpften, wie an die spekulativen Traditionen des Mittelalters, so auch an die Grundlage der Heiligen Schrift und der Väter an; und die hervorragenden patristischen Theologen benützten ihrerseits wieder die Scholastik als Leitfaden zum Verständnis der heiligen Väter, wie denn auch manche Theologen auf allen oder mehreren dieser Gebiete zugleich tätig waren»<sup>10</sup>.

No capítulo da Teologia Escolástica — especulativa e sistemática — verifica-se que as obras desta época manifestam uma grande frescura e originalidade; e nos seus autores nota-se uma atitude calma e moderada como já acontecera no séc. XIII. Mas em relação aos teólogos medievais, os comentários do séc. XVI revelam-se francamente superiores pela variedade e universalismo que encerram, e ainda pelos horizontes mais rasgados que manifestam e pelas relações mais estreitas que apresentam com a Sagrada Escritura e com a Tradição. Ouçamos ainda desta vez Martin Grabmann: «Die scholastische bzw. spekulative und systematische Theologie

---

<sup>10</sup> *Id.*, pp. 154-55.

nahm neben der exegetischen und polemischen und in engster Verbindung mit dieser einen ebenso grossartigen Aufschwung, so dass die Leistungen dieser Epoche, wenn sie auch — wenigstens nach den ersten Jahrzehnten — denen des 13. Jahrhunderts an Frische und Originalität und vielfach auch an massvoller und ruhiger Haltung nachstehen, so doch auch wieder an Mannigfaltigkeit, Allseitigkeit und Umfang sowie durch engere Verbindung mit den reicher gehobenen und ausgiebiger verwerteten Schätzten der Schrift und der älteren Überlieferung dieselben übertreffen»<sup>11</sup>.

Em 1567 Pio V declarou S. Tomás príncipe da Escolástica, o mesmo fazendo em 1587 Sixto V com S. Boaventura. E ambos os Papas ordenaram que se desse execução à impressão das suas obras. Desta feita, «wurde von der Kirche selbst der neuen Entwicklung der Impuls gegeben und die Richtung vorgezeichnet». A Igreja manifestava assim oficialmente o seu apoio solene ao estudo daqueles dois insignes Doutores da Igreja.

Em 1537 quando se deu a transferência definitiva da Universidade de Lisboa para Coimbra havia na Faculdade de Teologia as seguintes cadeiras: «Prima», «Véspera» e «Sagrada Escritura», que foram confiadas, respectivamente, ao Dr. Afonso do Prado, a Francisco de Monzón e a Fr. João de Pedraza, O. P., por sinal todos de origem espanhola.

No que toca ao ensino da Exegese Bíblica, é de salientar que em 1545 se verificou o desdobramento em duas disciplinas: passou a haver a de «Tertia» e a de «Noa» destinadas à docência do Novo e do Antigo Testamento, tendo sido seus primeiros Mestres Paio Rodrigues de Vilarinho e Marcos Romeiro, respectivamente. Mas em 1562 a cadeira de «Noa» foi transformada em disciplina de Escoto; contudo, com a entrada de Fr. Heitor Pinto (1576) voltou a ser restaurada a cátedra de «Noa». Com a saída daquele lente, em 1581, foi suprimida novamente para reaparecer depois, em 1587, com o ingresso de Gabriel da Costa. Isto no que se refere ao período que vai de 1537 a 1640; a partir desta data até à Reforma Pombalina manteve-se regular a existência de duas disciplinas para o ensino da Sagrada Escritura.

---

<sup>11</sup> *Id.*, p. 161.

Em 1541 deu-se um facto importante no quadro dos estudos da Teologia que merece ser aqui devidamente referido: foi a permuta entre Monzón e Martinho de Ledesma, pela carta régia de 4 de Julho de 1541, alteração essa que certamente teve como finalidade a substituição da lição de Durando (comentário às Sentenças) pela de S. Tomás. A este propósito, escreve o Prof. Silva Dias: «Pusemo-nos em dia, desse modo, com a prática já triunfante noutras Universidades europeias — mas não sem reacções nascidas dos hábitos criados e dos interesses ofendidos»<sup>12</sup>. E prossegue ainda: «Partiu a iniciativa do reitor, Fr. Bernardo da Cruz, da Ordem de S. Domingos, recentemente nomeado para o exercício do cargo e cujas relações com os dirigentes do mosteiro crúzio, onde então funcionava a Faculdade de Teologia, eram bastante tensas. É muito crível que a impressão de novidade causada pelas leituras de Vitória em Salamanca vibrasse ainda nesta altura no espírito do Bispo, suscitando-lhe a ideia de uma reforma idêntica logo que chegou a Coimbra. E a hipótese é tanto mais provável quanto é certo que não faltavam em Portugal, nesse tempo, dominicanos espanhóis, e um deles, Fr. Martinho de Ledesma, discípulo do mestre alavês, leccionando em Santa Cruz».

Como o alvará de 19 de Julho apenas dissesse que Ledesma devia ler a partir de 1 de Outubro «a cadeira de teologia que ora lia Mestre Monzón», ou seja, o comentário de Durando às Sentenças de Pedro Lombardo, podendo assim originar algumas dúvidas, foi enviada uma carta ao Cancelário, em 26 de Outubro, que explicitava claramente o objectivo da substituição: «Por alguns justos respeitos que me a isto movem, hei por bem que o Doutor Mestre Martinho, que tenho provido da cadeira de teologia que lia Monzón, leia a lição de S. Tomás e não a (de) Durando como lia o dito Monzón. Mandar-lhe-eis logo, da minha parte, que leia a dita lição de S. Tomás, e escrever-me-eis o que se nisso fizer»<sup>13</sup>.

Esta mudança suscitou certa resistência por parte das autoridades académicas mas acabou por se concretizar.

Outro facto que merece ser assinalado convenientemente foi a criação de mais uma lição de S. Tomás, como catedrilha, especialmente criada pela carta régia de 11 de Novembro de 1542,

---

<sup>12</sup> PROF. J. S. DA SILVA DIAS, *A Política Cultural da Época de D. João III*, vol. I, t. 2, Coimbra, 1969, pp. 670-71.

<sup>13</sup> Apud PROF. MÁRIO BRANDÃO, *Documentos de D. João III*, vol. II, p. 44.

que dizia assim: «... o Doutor Frei Guilherme Gomeri leia uma lição de S. Tomás na hora seguinte, logo em se acabando a lição de Prima, a qual lição será da leitura que lhe ordenardes, de maneira que não leia o que já outros lentes de S. Tomás lêem»<sup>14</sup>. Do que se depreende que o professor da nova catedrilha podia ler S. Tomás, não só no *Scriptum super Libros Sententiarum* e na *Summa contra Gentiles*, mas na própria *Summa Theologica*, «desde que as partes a ele assinadas não coincidissem ou colidissem com as distribuídas aos outros lentes», diz o Prof. Silva Dias.

O primeiro lente encarregado da regência desta catedrilha foi Gomeri, sucedendo-lhe Álvaro Gomes que a dirigiu, muito possivelmente, em 1545-46 e 1546-47.

Segundo os Estatutos de 1559, havia quatro cadeiras «grandes» em Teologia: «Prima», em que se lia ordinariamente o Mestre das Sentenças, cujo professor auferia 100\$000 réis de ordenado por ano; «Véspera», em que habitualmente se comentava a «Summa», cujo lente tinha de vencimento anual 80\$000 réis; «Tertia», para a exegese do Novo Testamento, com 60\$000 réis de ordenado; e «Noa» para a exegese do Antigo Testamento, com igual vencimento da anterior para o seu lente<sup>15</sup>.

Havia, depois, outras cadeiras «menores», cuja docência não era regular como, por exemplo, as de Gabriel, Escoto, Durando, S. Tomás, etc., as quais começaram a funcionar depois da morte de D. João III ou, pelo menos, nos últimos anos da sua vida. E também funcionavam mais ou menos regularmente certas cadeiras de «vacações» nos meses de verão.

Pelos Estatutos de 1591, depois confirmados quase na íntegra pelos de 1653, vêm indicadas, além daquelas quatro cadeiras «maiores» acima referidas, mais as «catedrilhas» de Durando, de Sagrada Escritura e de S. Tomás. De assinalar também que os ordenados atribuídos aos seus professores passaram a ser bem superiores aos anteriores: o lente de «Prima» ficou a receber 250\$000 réis anualmente, o de «Véspera» 180\$000 réis, o de «Tertia» 130\$000 réis, o de «Noa» 100\$000 réis e os das catedrilhas 50\$000 réis<sup>16</sup>.

Uma determinação importante dos Estatutos de 1591 diz respeito à obrigação que os estudantes tinham de possuir a *Summa* de

<sup>14</sup> *Ibid.*, p. 107.

<sup>15</sup> *Estatutos de 1559*, ed. por SERAFIM LEITE, Coimbra, 1963, pp. 90-91.

<sup>16</sup> *Estatutos de 1591*, Coimbra, 1591.

S. Tomás: «Ordeno e mando que o reitor tenha especial cuidado de se informar quaes são os estudantes de canones e leis que não têm textos e mandará ao conservador da Universidade, que vá em pessoa á casa dos taes estudantes sem que seja entendido, nem sabido delles; e achando que os não têm, os dispidirá logo da Universidade, e mandará riscar da matricula, sem outra prova: e o mesmo usará com os estudantes theologos que não tiverem a Biblia, Mestre das Sentenças e as partes de Santo Thomaz»<sup>17</sup>.

Esta cláusula foi também incluída mais tarde nos Estatutos de 1653 e ainda na Reformação de 1612<sup>18</sup>. E já que referimos esta última legislação, aproveitamos para dizer que ela estabeleceu novos ordenados para os professores de Teologia. Providenciou-se para que as cadeiras maiores de Teologia fossem igualadas às correspondentes de Cânones e de Leis, «por fazer mercê aos professores da Faculdade de Teologia, e por authoridade desta Sciência». Foi esta a nova tabela fixada: «Prima» — 300\$000 réis; «Véspera» — 230\$000 réis; «Tertia» — 140\$000 réis; «Noa» — 100\$000 réis; e para as catedrilhas 60\$000 réis. Outra determinação importante diz respeito à obrigação que os lentes tinham de defender a opinião e a doutrina do autor da cadeira que lhes estava confiada: «O Reitor fará lembrança aos Mestres de todas as cadeiras, que procurem, quanto for possível, a fazer defensável a opinião, e doutrina do autor da cadeira, que lerem, declarando-a sempre, pera que se não confundão as opinioens; e se saiba com clareza, qual hé a doutrina, e opinião dos autores, de que são intituladas as cadeiras»<sup>19</sup>.

Os Estatutos Pombalinos (1772) trouxeram consigo uma remodelação profunda em todas as Faculdades e criaram outras de novo. Depois de D. João III, a reforma de 1772 constituiu um acontecimento a todos os títulos notável que imprimiu novos rumos à vida universitária e revitalizou substancialmente a orgânica escolar da Escola coimbrã<sup>20</sup>.

<sup>17</sup> *Ibid.*, n.º 18, liv. II, tit. XX, p. 31 v.º.

<sup>18</sup> *Estatutos de 1653*, n.º 18, liv. II, tit. XX, p. 60, nos mesmos termos. Lê-se na Reformação de 1612: «Todos os Estudantes Theologos terão as partes de S. Thomas, assi como pelo Estatuto do livro 3. titulo 42. § 2. são obrigados os Canonistas, e Legistas, a terem textos da sua Faculdade. E no tempo que os Estudantes Theologos fizerem seus actos, não serão admittidos, sem primeiro constar ao Reitor, como têm as dittas partes de S. Thomas» (*Estatutos de 1653*, n.º 89, p. 315).

<sup>19</sup> *Ibid.*, n.º 84, p. 314.

<sup>20</sup> Vid. o nosso estudo *A Cátedra de Sagrada Escritura na Universidade de Coimbra de 1640 a 1910* — *Alguns Apontamentos*, Coimbra, 1974 — Separata de *Revista Portuguesa de História*, vol. XV; e também MANUEL EDUARDO DA MOTTA VEIGA, *Esboço histórico-literário da*

No que toca à Teologia, as coisas passaram a ficar assim definidas: começou a haver oito cadeiras distribuídas por cinco anos, em vez de quatro: uma de História Eclesiástica, três de Teologia Dogmático-Polémica, uma de Teologia Moral, uma de Teologia Litúrgica e duas de Sagrada Escritura. As quatro primeiras eram consideradas cadeiras «pequenas» e as quatro restantes «grandes». Também os vencimentos foram bastante alterados: o lente do Novo Testamento passou a receber anualmente 480\$000 réis; o do Antigo Testamento 400\$000 réis; o de Liturgia 350\$000 réis; o de Teologia Moral 200\$000 réis; os de Dogmática I, II e III, respectivamente, 200\$000, 180\$000 e 170\$000 réis; e, finalmente, o de História Eclesiástica 170\$000 réis. Nota-se nos Estatutos Pombalinos uma importância muito grande dada às disciplinas de Exegese Bíblica e de História Eclesiástica<sup>21</sup>.

Mas voltemos de novo a nossa atenção para o séc. XVI. Não resta a menor dúvida que o período mais brilhante do ensino da Teologia na Universidade de Coimbra foi o que decorreu entre 1537 e meados do séc. XVII. Os Mestres conimbricenses souberam assimilar o sopro renovador do Humanismo, interpretaram admiravelmente as definições do Concílio de Trento e não rejeitaram o conhecimento das ideias dos reformadores. O domínio que manifestam possuir dos clássicos gregos e latinos, a erudição que revelam quanto à penetração do pensamento dos autores judeus, dos Padres da Igreja e dos teólogos medievais e seus contemporâneos, a grande bagagem que manifestam ter no respeitante às línguas eruditas e a sua extraordinária cultura teológica — são alguns dos aspectos mais salientes que sobressaem da leitura das obras chegadas até nós. E sem esquecer, porque se relaciona com o tema deste trabalho, a admirável sintonização que mostram possuir com as ideias tomistas. O Aquinense está presente a cada passo nos comentários e tratados dos nossos autores teólogos e exegetas daquele período.

Na cátedra de «Prima» distinguiram-se Afonso do Prado, Martinho de Ledesma, O. P., António de S. Domingos, O. P.,

---

*Faculdade de Teologia da Universidade de Coimbra*, Coimbra, 1872; TEÓFILO BRAGA, *História da Universidade de Coimbra*, vol. IV, Coimbra, 1902; e ainda *Compendio Historico do Estado da Universidade de Coimbra (1771)*, ed. anastática, Coimbra, 1972; e *Estatutos da Universidade de Coimbra (1772)*, ed. anastática, 4 vols., Coimbra, 1972 (em particular o vol. IV).

<sup>21</sup> Vid., além das obras referidas na nota anterior, o nosso livro *A Cátedra de Sagrada Escritura na Universidade de Coimbra — Primeiro Século (1537-1640)* (a sair em breve).

Francisco Suárez, S. J., Vicente Pereira, O. P., António da Ressurreição, O. P., André de S. Tomás, O. P., Diogo Artur, O. P., Leão de S. Tomás, O. S. B., Ricardo de S. Vítor, O. E. S. A., e Luís de Sá, O. Cist.

Na de «Véspera» evidenciaram-se Francisco de Monzón, Martinho de Ledesma, O. P., João Pinheiro, O. P., Diogo de Morais, O. P., Diogo de Gouveia, Francisco de Cristo, O. E. S. A., Francisco Rodrigues Fróis, Egídio da Apresentação, O. E. S. A., Pedro Mártir, O. P., André de Almada, S. J., Leão de S. Tomás, O. S. B., Ricardo de S. Vítor, O. E. S. A., e Luís de Sá, O. Cist.

Na de «Tertía» salientaram-se João de Pedraza, O. P., Martinho de Ledesma, O. P., Francisco de Monzón, António da Fonseca, O. P., Paio Rodrigues de Vilarinho, Álvaro da Fonseca, Diogo de Gouveia, Paulo de Palácios e Salazar, Luís de Sotomaior, O. P., Gabriel da Costa, João Aranha, O. P., Gregório das Chagas, O. S. B., e Jorge Pinheiro, O. P.<sup>22</sup>

Na de «Noa» destacaram-se Marcos Romeiro, Paulo de Palácios e Salazar, Heitor Pinto, O. S. Jerón., Gabriel da Costa, Gregório das Chagas, O. S. B., Antão Galvão, O. E. S. A., Francisco da Fonseca, O. E. S. A., Jorge Pinheiro, O. P., e Filipe Moreira, O. E. S. A.

Também nas catedrilhas houve Mestres de grande envergadura que muito contribuíram para tornar brilhante esta época da história da Faculdade de Teologia. Vale a pena, ao menos, recordar os seus nomes.

Em «Escoto» marcaram posição de relevo Diogo de Gouveia, Francisco de Cristo, O. E. S. A., Inácio Dias, Agostinho da Trindade, O. E. S. A., Francisco Rodrigues Fróis, Egídio da Apresentação, O. E. S. A., Manuel Tavares, O. Carm., Francisco Carreiro, O. Cist., André de Almada, S. J., Francisco da Fonseca, O. E. S. A., Leão de S. Tomás, O. S. B., Ricardo de S. Vítor, O. E. S. A., e Luís de Sá, O. Cist.

Em «Durando», sobressairam Guilherme Gomeri, Diogo Texeda, Pedro de Figueiredo, André Gomes, Inácio Dias, Francisco de Cáceres, O. Conv., Agostinho da Trindade, O. E. S. A., António Mousinho de Albuquerque Castelo Branco, Barnabé d'Orta de

---

<sup>22</sup> Sobre os lentes de Sagrada Escritura («Tertía» e «Noa»), vid. a obra citada na nota anterior. Aí, na introdução e na parte final, abordamos sumariamente o ensino da Teologia na Universidade de Coimbra no período que vai de 1537 a 1640.

Gouveia, Manuel Tavares, O. Carm., Francisco Carreiro, O. Cist., Pero da Costa Leal, Francisco da Fonseca, O. E. S. A., Manuel de Lacerda, O. E. S. A., Leão de S. Tomás, O. S. B., Ricardo de S. Vítor, O. E. S. A., e Paulo da Natividade, O. S. B.

Em «Gabriel» salientaram-se António Leitão, Francisco de Cristo, O. E. S. A., António de Barros, António Mousinho de Castelo Branco, Francisco Rodrigues Fróis, Egídidio da Apresentação, O. E. S. A., Francisco Carreiro, O. Cist., Constantino Barradas, Pero da Costa Leal, André de Almada, S. J., Manuel de Lacerda, O. E. S. A., Leão de S. Tomás, O. S. B., Ricardo de S. Vítor, O. E. S. A., Paulo da Natividade, O. S. B., e Luís de Sá, O. Cist.

Merece ser aqui referida a criação em 1664 da cadeira de Teologia Polémica que foi inicialmente regida por Fr. Isidoro da Luz, O. SS. Tr., autor de várias obras, a quem sucedeu em 1670 Fr. Nicolau Valésio, O. E. S. A., que fora seu discípulo.

Mas não era só na Universidade de Coimbra que os estudos teológicos em todos os seus aspectos — Dogma, Exegese, Moral, Mística, História — ganharam então extraordinário desenvolvimento. Também na de Évora, criada em 1559, e nos diversos Conventos, Mosteiros e Colégios universitários se destacaram não poucos especialistas e Mestres de Teologia de grande renome, alguns dos quais marcaram posição de primeiro plano, mesmo além fronteiras, como sucedeu, por exemplo, no Concílio de Trento com Jorge de Santiago, O. P., Jerónimo de Azambuja, O. P., Gaspar dos Reis, O. P., Francisco Foreiro, O. P., Bartolomeu dos Mártires, O. P., Gaspar do Casal, O. E. S. A., João Soares, O. E. S. A., Diogo de Paiva de Andrade, etc. Dos professores de Coimbra, só Luís de Sotomaior participou nos trabalhos do Concílio de Trento<sup>23</sup>.

Pelas *Constituições dos Colégios do Mosteiro de Santa Cruz* de 1536, publicadas recentemente pelo Prof. Silva Dias, pode ver-se que «a nota aguda do magistério é ainda de carácter acentuadamente escolástico, tanto na esfera das humanidades como nas da filosofia e da teologia. O esquema teológico mostra-o à evidência: «Por um lado, valoriza-se a exegese bíblica e prevê-se a introdução do tomismo no plano dos estudos, mas por outro mantém-se o primado da teologia sentenciária ou dogmática e da teologia especulativa ou dialéctica (const. XVII). E subsiste, acima de tudo, o formalismo

---

<sup>23</sup> Sobre os autores referidos no texto, vid. a obra citada na nota 21 e a bibliografia nela apontada.

lógico abstracto na exposição e na pesquisa, como tão bem se aufere através da complexa mecânica das provas e exercícios determinados para a fase da verificação da maturidade escolar (const. XVII e XVIII)»<sup>24</sup>.

Entre os muitos exegetas então aparecidos em Portugal que não foram lentes da Universidade de Coimbra, destacam-se, além dos já mencionados atrás, Jerónimo de Azambuja, O. P., Francisco Foreiro, O. P., também Manuel de Sá, S. J., D. Pedro de Figueiró, Cón. Regr. S. Agost., Jerónimo Osório, Sebastião Barradas, Brás Viegas, António Fernandes e Cosme de Magalhães, estes quatro últimos jesuítas e professores da Universidade de Évora. Pela leitura das obras que escreveram, mostra-se à saciedade que estavam profundamente imbuidos do pensamento tomista. As ideias do Aquinense são expostas amiúde e seguidas com grande aceitação<sup>25</sup>.

Outro ponto de referência importante são as inúmeras apostilas chegadas até nós. Pela sua consulta, pode-se facilmente verificar a predilecção que S. Tomás merecia aos Mestres daquele tempo.

Entre os teólogos da Universidade de Coimbra que deixaram obras impressas sobre a *Summa* de S. Tomás, evidenciam-se Martinho de Ledesma, Francisco de Cristo, Egídio da Apresentação, Francisco Suárez e Cristóvão Gil; em Évora, Luís de Molina é o nome mais célebre de então.

Numa série de artigos publicados na revista «Instituições Christãs», o Cón. Prudêncio Garcia fornece uma lista dos teólogos portugueses que escreveram sobre a *Summa* teológica, onde o número de Dominicanos é de longe o mais representativo. Diz a terminar o referido autor: «É manifesto que se verifica, com relação aos estudos da *Summa* de Santo Thomaz d'Aquino, a confirmação do que em geral se tem dicto com verdade das Ordens Religiosas, com respeito à cultura das sciencias em geral. Em verdade é nas Ordens Religiosas que nós encontramos o mais fervoroso empenho em cultivar as sciencias, os mais vigorosos esforços, as mais generosas e pacientes dedicações. Ao passo que na faculdade de Theologia da Universidade de Coimbra se explicava a doutrina do Doutor Angelico, observa-se que o maior número de obras sobre a mesma *Summa* não saiu certamente de professores da Universidade. E se alguma, impressa ou

---

<sup>24</sup> PROF. J. S. DA SILVA DIAS, *Regimento Escolar de Santa Cruz de Coimbra (1537)*, Coimbra, 1974, pp. 4-5. Separata da revista *Biblos*, vol. XLV.

<sup>25</sup> Vid. nota 21.

manuscripta, saiu da pena d'algum professor da Universidade, é para notar-se também que esse professor pertencia a alguma Ordem Religiosa. Em vista do exposto, reforçam os nossos estudos a opinião dos que afirmam, que a eliminação das Ordens Religiosas se deve considerar como desfavorável ao progresso das letras e das sciencias»<sup>26</sup>.

E noutra série de artigos publicados na mesma revista, o Cón. Prudêncio apresenta uma panorâmica sobre o ensino da *Summa* de S. Tomás na Universidade de Coimbra, por onde se vê que entre os anos de 1546-47 e 1607-08 — para os quais existem nos livros de Conselhos marcações de leituras — a *Summa* constituiu regularmente objecto de docência da cadeira de «Véspera» da Faculdade de Teologia<sup>27</sup>.

Ao tratar da orientação pedagógica dos professores da Faculdade de Teologia após a transferência definitiva da Universidade para Coimbra, em 1537, o Prof. Silva Dias aborda a questão da adesão ao tomismo do Dr. Afonso do Prado, lente de «Prima»<sup>28</sup>.

O Mestre João Fernandes na sua «Oração sobre a Fama» põe em evidência a orientação tomista daquele professor: «Claudit huic dextrum latus Pratum vernis theologiae et suave olentibus eruditionis floribus ornatissimum. Quem adeo habuit insignem Complutensis academia, adeo in Philosophia et cathedraria Theologiae functione versatum ut iamiam rude donandum ad nos transmiserit; ubi per quindecim annos quanta cum dexteritate, primaria functione Thomam sic interpretatus, testes sunt multi eruditorum greges, qui talem pastorem incomparabili ingenii acumine, quo ille plurimum valet, referunt et imitantur»<sup>29</sup>.

Também Pedro de Mariz alude às preocupações do Dr. Prado quanto ao tomismo: «... o Doutor Affonso do Prado, na doutrina de Santo Thomaz eminente: veyo da Universidade de Alcalá pera a cadeira de Prima»<sup>30</sup>.

Acerca de Martinho de Ledesma, diz ainda o já mencionado Mestre João Fernandes: «Adest statim Martinus Ledesmius, vir non

<sup>26</sup> PRUDÊNCIO GARCIA, *Breve Notícia dos Comentários à Summa de S. Tomás*, in *Instituições Christãs* de 1887, 1.ª série, p. 74.

<sup>27</sup> *Id.*, *A Summa de Santo Thomaz e a Faculdade de Teologia da Universidade de Coimbra*, in *Instituições Christãs* de 1892, pp. 105-10. 129-34.

<sup>28</sup> PROF. J. S. DA SILVA DIAS, *Correntes do Sentimento Religioso em Portugal (Séculos XVI a XVIII)*, t. I, vol. 2, Coimbra, 1960, pp. 577-79.

<sup>29</sup> J. ALVES OSÓRIO, *Mestre João Fernandes — A Oração sobre a Fama*, Coimbra, 1967, p. 138.

<sup>30</sup> Vid. o nosso livro *A Cátedra de Sagrada Escritura na Universidade de Coimbra*, *op. cit.*, p. 104.

minus litteris quam monastica religione suscipiendus. Cuius animi candor ita cum eruditione certat, ut non minus vinci quam vincere gaudeat. Qui a primis, ut Graeci aiunt, unguiculis, in praeclara ac vere theologica Aquinatis doctrina, hoc est, in domestica luce versatus, eam partem maxime coluit, quae moribus hominum componendis, quae utrique iuri enuncleando nata videtur. Quod primum felicissimum doctrinae genus invexit Salmanticam magnus ille Victoriensis Franciscus, e cuius fonte Martinus hausit»<sup>31</sup>.

Há, entretanto, um aspecto que gostaríamos de pôr em evidência neste trabalho. É a atitude dos Mestres de Sagrada Escritura da Universidade de Coimbra no que respeita à sua adesão à doutrina tomista<sup>32</sup>.

Marcos Romeiro (1545-58) parece ter seguido as ideias do Aquinense pelo que se depreende de uma carta de Fr. Pedro Barbudo dirigida a Fr. Diogo de Murça, com data de 5 de Março de 1540: «...pareceme que quer ler Sancto Tomás...»<sup>33</sup>.

Paulo de Palácios e Salazar (1560-66), que fez a sua preparação teológica em Salamanca e em Évora, escreveu comentários ao Eclesiástico, aos 12 Profetas Menores e ao Evangelho de S. Mateus. Por eles se vê que penetrou a fundo no pensamento de S. Tomás, aplicando-o a cada passo às análises escriturísticas que faz. Cita-o frequentemente e dele parte com toda a facilidade para as considerações de índole teológica que apresenta, apoiando as suas especulações no grande Mestre dominicano<sup>34</sup>.

Luís de Sotomaior (1567-89) estudou Teologia em Lovaina, onde teve como professores, entre outros, R. Tapper, Tiletano, A. Baleno e, possivelmente, J. Hentenius, aos quais se refere muitas vezes ao longo dos seus comentários ao Cântico dos Cânticos e às Epístolas de S. Paulo a Timóteo e a Tito. Também se refere a Driedo, a Galeno, a Lomanus, a Pamellius e a Stapleton, insignes Mestres de Teologia de Lovaina e grandes admiradores da obra de S. Tomás. Sotomaior manifesta igualmente uma estrita fidelidade ao Aquinense, que, sempre que a ocasião se proporciona, é citado nos livros que compôs<sup>35</sup>.

<sup>31</sup> Vid. J. ALVES OSÓRIO, *op. cit.*, p. 138.

<sup>32</sup> Vid. o nosso livro *A Cátedra de Sagrada Escritura na Universidade de Coimbra*, *op. cit.*  
— Temos em preparação um estudo sobre a história da Exegese Bíblica em Portugal.

<sup>33</sup> *Ibid.*, p. 90.

<sup>34</sup> *Ibid.*, pp. 131-156.

<sup>35</sup> *Ibid.*, pp. 157-260.

No testamento espiritual que deixou, depois de afirmar a sua fé em Cristo e na Igreja, define a sua posição sobre a então muito discutida questão da graça; aí confessa claramente a sua veneração pelos dois génios do pensamento teológico que sempre o guiaram na sua actividade docente e de escritor: «Quod autem pertinet ad quaestionem illam de gratia Dei, seu gratia Christi, propria circumvagatam? Idipsum firmiter teneo, et fideliter credo, quod semper tenui, id est, quod et semper tenuit Ecclesia Catholica et Romana, quodque tenuit olim D. Augustinus, et post eum D. Thomas verissimus et fidelissimus eius interpres. Denique id quod me docuerunt praeceptores mei, id est, Theologi Lovanienses, quorum autoritas mihi gravissima est, et quorum discipulus et alumnus per tot annos, licet indignus»<sup>36</sup>.

Heitor Pinto (1576-80), que estudou Teologia em Coimbra, Salamanca e Sigüenza (aqui apenas fez as provas finais), elaborou óptimos comentários escriturísticos a Isaías, Ezequiel, Daniel, às Lamentações de Jeremias e a Nahum, nos quais de modo semelhante aos outros autores manifesta possuir uma rica formação teológica, com particular incidência em S. Tomás. A *Summa* é objecto de contínuas referências ao longo das obras que escreveu<sup>37</sup>.

Gabriel da Costa (1587-1615), filho espiritual da «Alma Mater» conimbricense, compôs um comentário escriturístico intitulado «Comentaria quinque in totidem libros Veteris Testamenti», em que trata de algumas passagens do Génesis, dos livros de Rute, das Lamentações, de Jonas e do profeta Malaquias. Nesta obra, além de citar muitos exegetas e teólogos medievais e contemporâneos, refere-se com certa frequência a S. Tomás, cujas ideias perfilha abertamente<sup>38</sup>.

De todos os exegetas mencionados, excepção feita a Marcos Romeiro, se conservam inúmeras apostilas sobre livros do Antigo e do Novo Testamento, onde igualmente transparece a grande veneração que tinham pelo Anjo de Aquino.

Outra fonte importante de que dispomos para aquilatar do interesse que havia pela teologia tomista é a relativa às «bibliotecas» daquela época. Conhecem-se hoje algumas livrarias, como a de Diogo de Murça, que foi reitor da Universidade de Coimbra

<sup>36</sup> *Ibid.*, pp. 197-98.

<sup>37</sup> *Ibid.*, pp. 261-322.

<sup>38</sup> *Ibid.*, pp. 323-400.

(1543-1554)<sup>39</sup>, as dos teólogos Francisco Suárez<sup>40</sup>, Francisco Rodrigues Fróis<sup>41</sup> e João Aranha<sup>42</sup>, a de Luís Correia, lente de Cânones<sup>43</sup>, e a do Colégio de S. Tomás<sup>44</sup>. Nelas se encontram muitas referências às obras de S. Tomás e a comentários às mesmas.

A partir de meados do séc. XVII começou a sentir-se a decadência da Faculdade de Teologia. Diminuiu o conhecimento das línguas eruditas, abusava-se da especulação em prejuízo da análise histórico-filológica e da teologia positiva, baixou consideravelmente o interesse pelo estudo dos Padres da Igreja e dos teólogos do passado, etc.

Ao referir-se à crise do ensino da Teologia em Coimbra no período que antecedeu a reforma pombalina, escreve o Dr. Bernardo Augusto de Madureira: «Atque revera ejusmodi reformatio a multis causis requirebatur, quam praecipua erat maxima confusio, qua materiae naturae diversae simul et conjunctim exponebantur in singulis libris ad lectiones destinatis, quo fiebat, ut apta compendia vel libri textus deficerent.

«Praeterea ejusmodi plerumque in eo peccabant, ut inverterent essentialia, vel *proprium* in demonstrandis theologicis veritatibus principium, i. e. magis ratione quam Biblia et traditione utebantur. Accedit quod professores doctrinas et sententias auctorum operum, quae pro textu habebant, defendere cogebantur, quantum fieri posset, sicut Statuta 1653 expresse commendabant. Atque hujusmodi commendatio, perpensis diversissimis et aliquando in eadem re contrariis illorum auctorum opinionibus, quam funestam confusionem, nisi dubium vel scepticismum, ferre debuisset, omnibus patet.

<sup>39</sup> Vid. PROF. JOAQUIM DE CARVALHO, *A livraria dum letrado do século XVI — Fr. Diogo de Murça*. Separata da Revista *Boletim da Biblioteca da Universidade de Coimbra*, vol. VIII (1927) (incluído in *Estudos sobre a Cultura Portuguesa do séc. XVI*, vol. II, pp. 111-199; e PROF. MÁRIO BRANDÃO, *Alguns Documentos respeitantes à Universidade de Coimbra na época de D. João III*, Coimbra, 1937, pp. 237-40.

<sup>40</sup> Vid. Prof. MÁRIO BRANDÃO, *A livraria do P. Francisco Suárez*, in *Estudos Vários*, vol. I, pp. 45-122 (trata-se de um artigo publicado em 1927 na revista *Biblos*, ao qual foi acrescentada uma «adenda» de muito interesse).

<sup>41</sup> Vid. ANTÓNIO DE OLIVEIRA, *A livraria de um teólogo do século XVI*. Separata da revista *Boletim da Biblioteca da Universidade de Coimbra*, vol. XXVII (1964).

<sup>42</sup> Vid. o nosso livro *A Cadeira de Sagrada Escritura*, op. cit., pp. 432-54.

<sup>43</sup> Vid. ANTÓNIO DE OLIVEIRA, *A livraria de um canonista do século XVI*. Separata da *Revista da Universidade de Coimbra*, vol. XXII (1966).

<sup>44</sup> Preparamos actualmente a publicação da livraria do Colégio de S. Tomás, que engloba cerca de 2 000 títulos. Além de referências a vários exemplares das obras de S. Tomás, encontram-se nela também mencionados muitos comentários às mesmas, como de Francisco Sylvius, de Domingo Bañez, de Ioannes Nicolai, de L. Montesino, de Petrus Godoy, de Juan Aliaga, de Bartolomeu de Medina, de Cornejo de Pedrosa, etc.

«Denique in illa epocha doctrinae theologiae etiam pura scholastica methodo pertractabantur. Et quantum ad studia biblica, id pro verosimiliori habetur, quod sacra Scriptura legebatur et exponebatur, quin vero disciplina hermeneutica locum in iis studiis occupaverit. Per quae omnia, et maxime per necessitudinem Protestantismum et philosophismum in dies refutandi, studiorum theologiae reformatio prout necessaria tunc temporis censa est»<sup>45</sup>.

Até à reforma pombalina obras de carácter exegetico publicadas por professores da Universidade de Coimbra há apenas a referir as de Fr. José Caetano, O. S. Jerón., que ensinou Sagrada Escritura a partir de 1726<sup>46</sup>. São elas *De Sapientia et insipientia Salomonis paraenesis scholastico-expositiva* (Coimbra, 1741) e *Theo-Rhetoris Simulacrum seu vera effigies Concionatoris Evangelici opusculum praeivium ad divini Verbi Hierologiam, sive Artem theorico-practicam ponderandi Sacram Scripturam per conceptus (ut vocant) praedicabiles* (6 vols., Coimbra, 1730-35). Mas o seu valor exegetico é muito diminuto.

Além deste, só merecem ser citados desse tempo os comentários bíblicos de João da Silveira, O. Carm.<sup>47</sup>, que escreveu sobre o Evangelho de S. João, os Actos dos Apóstolos e o Apocalipse, e o de Manuel da Encarnação, O. P., sobre S. Mateus<sup>48</sup>. Mas estes dois exegetas não ensinaram em Coimbra.

Fr. Martinho Pereira, O. Cristo, lente de Escritura em Coimbra, escreveu sobre o *Mestre das Sentenças*.

<sup>45</sup> B. AUGUSTO DE MADUREIRA, *Institutiones Theologiae Dogmatico-Polemicae*, vol. I, 2.ª ed., Coimbra, 1890, pp. 36-39.

<sup>46</sup> Fr. José Caetano (Lisboa, 1670 — Coimbra, 1746), O. S. Jerón., deixou várias obras em latim, além das referidas no texto. Era formado pela Universidade de Coimbra e foi ele o encarregado de redigir a resposta a dar à Universidade de Paris por causa da Bula «Unigenitus».

<sup>47</sup> Fr. João da Silveira (Lisboa, 1592), Ord. Carm., estudou Filosofia e Teologia no Colégio da sua Ordem em Coimbra e foi professor em Évora e em Lisboa. Escreveu *Commentarium in textum evangelicum*, 5 vols., Lisboa-Lião, 1640-59, etc.; vol. V, *Additiones*, Lião, 1672, etc.; *Commentarium litterale et morale in Apocalypsim*, 2 vols., Lião, 1663-69, etc.; *Opuscula varia*, Lião, 1675; *Commentaria in Acta Apostolorum*, Lião, 1681, etc. Todos estes comentários vieram mais tarde a ser reunidos numa única obra: *Opera omnia*, Lião, 1697-1725; Veneza, 1748-54. Também deixou alguns sermões impressos e vários tratados manuscritos. — Vid. bibliografia sobre este autor no artigo *A Cátedra de Sagrada Escritura na Universidade de Coimbra de 1640 a 1910*, op. cit.; e *Enc. Verbo*, t. 16.

<sup>48</sup> Fr. Manuel da Encarnação (Pontével-Santarém, 1639), O. P., foi Mestre de Sagrada Escritura no Estudo Público do Convento de S. Domingos de Lisboa e desempenhou alguns cargos importantes como Prior de Elvas e de Benfca, Reitor do Colégio de S. Tomás de Coimbra e Prior Provincial (1711). — Notabilizou-se pela obra *Matheus explanatus*, em 4 vols. (Lisboa, 1695-1714), pela sua vasta actividade como orador e pela sua enorme erudição. — Vid. o nosso artigo citado na nota anterior.

A reforma pombalina relegou para plano secundário a filosofia aristotélica e a Escolástica conforme já anteriormente fora proposto pelo *Compendio Historico*<sup>49</sup>.

O tomismo tal como era ensinado em Coimbra e noutras Escolas do país pela Escola de Suárez veio a ser duramente atacado em fins do séc. XVIII por várias Ordens religiosas que se opunham aos Jesuítas, sobretudo pela Congregação do Oratório e pelos Cónegos Regrantes de Santo Agostinho. A filosofia moderna penetrara em Portugal com o P. João Baptista do Oratório, com Luís António Verney e com o P. Teodoro de Almeida. Assim, se infiltrava a pouco e pouco entre nós o cartesianismo, o positivismo e o sensismo<sup>50</sup>.

O Marquês de Pombal impôs como texto-base os *Principes de logique et de métaphysique* de António Genovesi, a quem Verney muito louva no epílogo da sua *Histoire de la Logique*. A obra de Genovesi dominou quase em absoluto nas escolas de Portugal até meados do séc. XIX.

Entre a juventude portuguesa teve enorme aceitação o cartesianismo do P. Teodoro de Almeida e as ideias sensistas do P. Condillac.

Mais tarde, o positivismo de Auguste Comte viria a encontrar no Dr. Emygdio Garcia, professor de renome da Universidade de Coimbra, um dos seus principais divulgadores já em fins do séc. XIX<sup>51</sup>.

Como era de esperar, a Encíclica *Aeterni Patris* de Leão XIII, de 4 de Agosto de 1879, que a todo o mundo católico recomendou a filosofia de S. Tomás, encontrou entre nós enorme audiência. Aliás, nela a certa altura o Pontífice mencionando as mais célebres Academias e Escolas outrora florescentes na Europa, onde se cultivou esmeradamente o tomismo, refere-se à Universidade de Coimbra: «Atque hoc loco magna cum voluptate provolat animus ad celeberrimas illas, quae olim in Europa floruerunt, Academias et Scholas, Parisiensem nempe, Salmantinam, Complutensem, Duacenam, Tolosanam, Lovaniensem, Patavinam, Bononiensem, Neapolitanam, Conimbricensem, aliasque permultas. Quarum Academiarum nomen aetate quodammodo crevisse, rogatasque sententias, cum graviora

<sup>49</sup> Vid. *Compendio Historico*.

<sup>50</sup> Cfr. FERREIRA-DEUSDADO, *La Philosophie Thomiste em Portugal*. Separata de «Revue Néo-Scholastique», Lovaina, 1898, p. 27.

<sup>51</sup> *Ibid.*

agerentur negotia, plurimum in omnes partes valuisse, nemo ignorat. Iamvero compertum est, in magnis illis humanae sapientiae domiciliis, tanquam in suo regno, Thomam consedissem principem; atque omnium vel doctorum vel auditorum animos miro consensu in unius angelici Doctoris magisterio et auctoritate conquevisse».

Acerca daquela referência, escreve o Cón. Prudêncio Garcia: «Sob o ponto de vista dos estudos thomisticos, é certo e sabido que, se naqueles outros estabelecimentos scientificos, emporios outrora de todo o saber humano, Santo Thomaz dominou os espiritos dos estudiosos como soberano em reino proprio, na Universidade de Coimbra mestres e discipulos, todos unanimemente, aceitaram e seguiram o magisterio e auctoridade do Angelico Doutor. A Summa de Santo Thomaz era texto obrigatorio que, segundo uma prescripção de seus velhos estatutos, era o reitor da Universidade compelido a mandar verificar pelas casas dos estudantes se tinham ou não a Summa Theologica»<sup>52</sup>.

Em 1881, o bispo de Coimbra, fundava a Academia de S. Tomás de Aquino que tinha por finalidade chamar a atenção dos espíritos cultos para a obra genial do Doutor Angélico e difundir o tomismo em todos os seus aspectos. Na referida Academia havia de revelar-se como professor de grande talento e conferencista notável o Dr. Augusto Eduardo Nunes, lente da Faculdade de Teologia.

Como seu órgão foi criada a revista *Instituições Christãs*, à qual vieram a dar a sua preciosa colaboração alguns dos Mestres da Faculdade de Teologia e do Seminário Maior de Coimbra do último quartel do século passado<sup>53</sup>.

E já que falámos daquela revista, ocorre-nos recordar aqui o aparecimento por aquela época de outras revistas de cultura teológica e filosófica, como a *Revista das Sciencias Ecclesiasticas*<sup>54</sup>, a *Revista de Theologia*<sup>55</sup> e a *A Sciencia Catholica*<sup>56</sup>, nas quais escreveram

<sup>52</sup> PRUDÊNCIO GARCIA, *A Summa de Santo Thomaz e a Faculdade de Teologia da Universidade de Coimbra*, in *Instituições Christãs* de 1892, p. 125.

<sup>53</sup> A revista *Instituições Christãs* publicou-se entre 1883 e 1893. — Alguns dos seus colaboradores mais assíduos foram Prudêncio Garcia, Augusto Eduardo Nunes, Egídio de Azevedo, Pedro Álvares Nogueira e António José Teixeira.

<sup>54</sup> Da *Revista das Sciencias Ecclesiasticas* saíram a lume 5 vols., entre 1870 e 1875. Foi seu director António Xavier de Sousa Monteiro. Era uma publicação mensal.

<sup>55</sup> A *Revista de Theologia* só se publicou um ano: 1877-78. — Eram seus redactores os Drs. António Bernardino de Meneses, Manuel Eduardo da Motta Veiga, António J. de França Bettencourt e Manuel de Jesus Lino, os quais aí publicaram vários artigos.

<sup>56</sup> *A Sciencia Catholica* era uma revista mensal criada para divulgar a filosofia escolástico-tomista. Foi seu director o Dr. Luís Maria da Silva Ramos, que tinha como colaborador o Dr. José Maria Rodrigues. — Dela se publicaram 2 números, em 1884 e 1885.

igualmente inúmeros artigos alguns dos mais conhecidos Mestres de então.

Já antes do aparecimento da Encíclica *Aeterni Patris*, mas principalmente depois, surgiram várias obras filosóficas em português caracterizadas pela sua inspiração tomista. Entre elas, destaca-se a intitulada *Elements de philosophie* de Tiago Sinibaldi, doutor em Filosofia e Teologia e professor no Seminário Maior de Coimbra. A abrir, contém um breve do Papa Leão XIII dirigido ao bispo de Coimbra com data de 29 de Abril de 1893, no qual se louva o prelado conimbricense por favorecer a cultura das ciências filosóficas estudadas segundo o espírito e o método de S. Tomás e se recomenda o livro de Sinibaldi pelo seu real valor e admirável clareza.

Ainda neste contexto de despertar do interesse pelo tomismo, situa-se o *Compendio de philosophia elementar conforme o programa official de 1895* da autoria de Bernardo Augusto Madureira. Acerca desta obra, diz Ferreira-Deusdado que «se trata dum excelente *vade-mecum* do professor e dum manual sumário para o aluno. E referindo-se ao seu conteúdo, acrescenta que ele não obedece a nenhum sistema filosófico, pois apresenta uma síntese dos diversos sistemas do espiritualismo contemporâneo, preparada num bom laboratório por um manipulador hábil. Mais escreve ainda que é sobretudo na psicologia que isso se verifica, porquanto na metafísica, na ética e na teodiceia nota-se um carácter mais sistemático e uma orientação mais uniforme»<sup>57</sup>.

Digno de referência é igualmente o poema *O Sol d'Aquino* do mesmo Dr. Madureira, recitado em 25 de Maio de 1884, numa sessão solene da Academia de S. Tomás, à qual presidiu Mons. Vicente Vannutelli, tendo também assistido o bispo de Coimbra, D. Manuel Correia de Bastos Pina. No mencionado poema, que se divide em duas partes — a lenda e a doutrina — o Dr. Madureira faz várias alusões ao estudo do Aquinense na Universidade de Coimbra<sup>58</sup>.

Como se disse atrás, a Faculdade de Teologia da Universidade de Coimbra a partir da segunda metade do séc. xvii entrou em profunda decadência afastando-se cada vez mais daquele elevado grau de esplendor científico que a caracterizara antes. A reforma

<sup>57</sup> Cfr. FERREIRA-DEUSDADO, *op. cit.*

<sup>58</sup> O poema *O Sol d'Aquino* foi impresso em Coimbra em 1884, contendo 63 pp. — Nele se fazem várias alusões à Universidade de Coimbra, nomeadamente ao ensino da Teologia.

pombalina que lhe podia ter dado vida nova e aberto horizontes mais rasgados não encontrou pessoas à altura capaz de lhe insuflar um espírito renovador. Depois veio a expulsão das Ordens Religiosas, onde também desde há muito deixara de haver teólogos de projecção como sucedera noutros tempos. Fechada em si mesma, desligada de contactos com os principais centros de cultura da Europa, a Faculdade de Teologia ia agonizando aos poucos. Vários factores, como a questão com o bispo de Coimbra, agravaram ainda mais esse estado de coisas. Com uma frequência sempre mais diminuta e sem pessoal docente de grande mérito e categoria intelectual, o ensino ia baixando a um ritmo impressionante.

No que se relaciona com a Sagrada Escritura, apenas há a referir três opúsculos, da autoria dos Drs. Fr. Joaquim de Santa Clara (1780-1800), Francisco António Rodrigues de Azevedo (1809-97) e Manuel de Jesus Lino. Trata-se de breves compêndios sobre Hermenêutica em que apenas são sumariados os tópicos principais das matérias dadas<sup>59</sup>. Convém dizer que, apesar de tudo, se nota neles um certo progresso em comparação com o período que antecedeu imediatamente a Reforma de 1772 e um sentido de modernidade em relação com o que se passava no estrangeiro. Pena é que os pontos sumariados nessas obras tivessem sido tratados de forma tão genérica, pois assim não se pode avaliar cabalmente o conteúdo do ensino ministrado.

Embora a legislação universitária inculcasse que os professores preparassem compêndios para uso dos alunos, a ideia praticamente não se chegou a concretizar, salvo casos raros. Durante muito tempo os livros didáticos seguidos na Faculdade de Teologia eram de autores estrangeiros. Assim, em 1807 as obras adoptadas eram as seguintes: a Gramática Hebraica de Ries, o Dicionário Hebraico de Cocceo, a Bíblia Hebraica de Reineccio, as Instituições de História Eclesiástica de Dannemayr, as Instituições Teológicas de M. Gerbert, de Direito Eclesiástico de Gmeiner e o Novo Testamento de Leusden<sup>60</sup>.

No último quartel do séc. XIX verificou-se uma acentuada tentativa de renovação literária na Faculdade de Teologia, que se

---

<sup>59</sup> O Dr. Fr. Joaquim de Santa Clara publicou *Conspectus Hermeneuticæ sacrae Novi Testamenti* (Coimbra, 1808); o Dr. Francisco António Rodrigues de Azevedo escreveu *Synopsis Sacrae Hermeneuticæ* (Coimbra, 1858); e o Dr. Manuel de Jesus Lino compôs *Synopsis Biblicæ Hermeneuticæ et Exegeseos* (Coimbra, 1900). — Sobre este assunto, cfr. o artigo da nossa autoria referido na nota 20.

<sup>60</sup> Vid. o trabalho citado na nota 20.

ficou devendo a dois Mestres de exceptional merecimento. Refere-nos ao Dr. Augusto Eduardo Nunes (1881-84)<sup>61</sup> que publicou um tratado de teologia dogmática fundamental que foi adoptado na Faculdade e em diversos Seminários do país; e ao Dr. Bernardo Augusto de Madureira (1884-1910) que escreveu uma obra de teologia dogmático-polémica, «notável pela ordem, clareza e substância da exposição», como a classifica Fortunato de Almeida<sup>62</sup>. E continua no seu juízo: «Nos dois primeiros volumes tomou o autor a peito reatar as tradições teológicas de Portugal, pondo em evidência a autoridade dos nossos antigos teólogos por citações apropriadas. Com êxito correspondente ao trabalho que demandava a execução do plano conseguiu o autor libertar de injusto esquecimento a antiga literatura eclesiástica portuguesa e evitar o exclusivismo de influencias estranhas»<sup>63</sup>.

Quer no livro de Eduardo Nunes, quer no de Augusto Madureira, nota-se a preocupação de fundamentar as explanações teológicas em S. Tomás. Além do mais, estava-se num período em que, como já se viu atrás, o renascimento tomista ganhava manifesta aceitação em toda a parte.

Podemos dizer em conclusão que o ensino de S. Tomás foi cultivado na Universidade de Coimbra com certa irregularidade. Ao período brilhante dos sécs. XVI-XVII seguiu-se uma fase de declínio bastante acentuado até de novo voltar a merecer um interesse muito grande em fins do séc. XIX. Mas nesta altura já a Faculdade de Teologia se encontrava em profunda decadência. Não há comparação possível entre os Mestres quincentistas e seiscentistas e os da fase final da sua existência.

#### MANUEL AUGUSTO RODRIGUES

---

<sup>61</sup> O Dr. Augusto Eduardo Nunes escreveu *Institutiones Theologiae Fundamentalis*. A 3.ª ed. saiu a lume em Coimbra, em 1897.— Sobre este autor, vid. FORTUNATO DE ALMEIDA, *História da Igreja em Portugal*, nova ed., vol. III, pp. 390. 408. 536-38

<sup>62</sup> As *Institutiones Theologiae Dogmatico-Polemicae* do Dr. Bernardo Augusto Madureira foram publicadas em 3 vols., em Coimbra; a 2.ª ed. é de 1890-93.

<sup>63</sup> FORTUNATO DE ALMEIDA, *op. cit.*, p. 391.